

O que não consta na nota oficial: o que o governo escondeu sobre a Novembrada

Priscila Correia
pri-correa@brturbo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O presente artigo analisa a nota oficial emitida pelo governo estadual após o episódio da Novembrada, ocorrido em Florianópolis em 30 de novembro de 1979 com a visita de João Batista Figueiredo. O acontecimento narrado em pormenores pelos jornais oposicionistas da época obteve grande destaque, contrariando o que o governo divulgou na nota oficial a população catarinense, apregoando a ideia de que este caso ocorreu por conta de somente alguns poucos manifestantes e que não representaria as reivindicações da população catarinense. Como fontes para perceber este embate político, utilizo algumas notas e notícias publicadas nos jornais *O Estado* e *Diário Catarinense*, além de panfletos e artigos sobre o caso.

Palavras-chave: Novembrada; Fontes Oficiais; Imprensa.

Abstract: This article analyzes the official statement issued by the state government after the episode of Novembrada, held in Florianópolis on November 30, 1979, with the visit of the military president João Batista Figueiredo. The events narrated in detail by opposition newspapers of the time was the most prominent, contrary to what the government issued a statement on the state population, touting the idea that this event occurred on account of only a few protesters and would not represent the demands of the population. As sources to realize this political struggle, I use some notes and reports in newspapers *O Estado* e *Diário Catarinense*, besides pamphlets and articles on the case.

Keywords: Novembrada; Official Sources; Press.

What is not in the official note: what the government hid on Novembrada

(...) gente catarinense, cujas tradições de hospitalidade e cujos sentimentos de respeito, apreço e gratidão ao Presidente João Figueiredo não ficam de modo algum comprometido pelo procedimento injurioso de pequeno grupo de extremados e inconseqüentes¹.

No dia 30 de novembro de 1979, estava marcada uma visita do então Presidente da República João Batista Figueiredo a Santa Catarina, que fazia parte de uma estratégia de manifestações de apoio político e demonstrações de popularidade que já havia passado por São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Paraná. Uma visita a Florianópolis cidade ordeira e

¹ Nota Oficial. Jornal *O Estado*. Florianópolis, 02 de dez. 1979. p.63



respeitosa como afirmava as fontes oficiais, sem grande tradição de lutas e manifestações políticas era perfeito para a finalidade do programa presidencial, o dia belíssimo de céu azul parecia coroar o grande evento².

A cidade amanhecera pronta para a festa, que já estava anunciada a semanas por outdoors que reproduziam o slogan governamental: João, o presidente da reconciliação. O governador Jorge Konder Bornhausen contava com um sistema de marketing gigante para tudo ocorrer com sucesso:

As televisões e rádio não paravam de tocar o *samba da conciliação* encomendado por 100 mil cruzeiros ao compositor Luiz Henrique, figura folclórica de Florianópolis, mais conhecido por ser o “namorado catarinense de Liza Minelli” do que por seus dotes artísticos. As faixas de saudação no percurso presidencial foram colocadas de véspera, mas um balão gigantesco onde se lia “João, o presidente da conciliação” foi instalado no aterro da Beira-Mar Norte vários dias antes da visita. O balão, segundo se noticiou na época, custou 57 mil e 400 cruzeiros, o equivalente a 20 salários mínimos. O mesmo símbolo foi estampado em milhares de camisetas, distribuídas a escolares e funcionários públicos. Naturalmente, as escolas públicas receberam a determinação de enviar suas turmas para a recepção ao presidente. O funcionalismo público também foi mobilizado. Diversas funcionárias foram requisitadas para servir de recepcionistas nas festividades organizadas para o presidente. Eram seiscentas moças, que dividiram entre si um total de 360 mil cruzeiros³.

O presidente chegou a Florianópolis acompanhado dos ministros da Fazenda, Karlos Rischbieter, da Agricultura, Amauri Stábile, das Minas e Energia, César Cals, dos Transportes, Eliseu Resende, do Gabinete Militar, general Danilo Venturini e do SNI, general Octavio Medeiros, além dos dirigentes do Inbra e Caixa Econômica e mais oito deputados federais, fora seguranças e auxiliares. Maior que a comitiva presidencial estava a comissão de recepção, onde além do governador Jorge Bornhausen, estava presente o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, professor Caspar Erich Stemmer, o arcebispo metropolitano de Florianópolis, Dom Afonso Niehues, além dos secretários e deputados estaduais e boa parte da bancada federal catarinense da Arena⁴.

Enquanto a comitiva dirigia-se ao centro pela Avenida Jorge Lacerda, faixas de cumprimentos e alunos de escolas primárias uniformizados com a camiseta da visita e com bandeirinhas faziam parte do cenário. Entretanto, no centro da cidade a movimentação era outra; estudantes universitários distribuíaam panfletos contra o arrocho salarial:

² SROUR, Robert Henry. *A Política no Brasil dos anos 70: a análise de um evento*. Brasília: UNB, 1981. p.71

³ MIGUEL, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979*. Florianópolis: Insular, 1995. p.15

⁴ Ibidem, p.26.



Hoje, após 15 anos de repressão, o Governo nos presenteia com a visita de seu Chefe, o general João Baptista Figueiredo. Nesses anos todos, o povo pagou com seu suor as mordomias dos caciques governamentais. Pagou com seu suor quando viu a inflação cada vez mais alta e seu salário cada vez mais baixo. Paga com seu suor quando o preço dos gêneros alimentícios aumenta a níveis exorbitantes, fazendo com que as famílias possam apenas sonhar com a comida que os “homens do governo” esbanjam. Por isso, devemos deixar claro que, por mais que seja a campanha publicitária que o governo faça para mudar sua fachada, não vai conseguir enganar o povo. Quando o general “João” afaga com sua mão a cabeça de uma criança, esconde a outra mão que sustenta o fato de hoje existirem milhares de crianças brasileiras abandonadas e famintas. Apesar do general “João” achar que “seu problema não é o povo e sim a nação” ele esquece que cada aumento de gasolina afeta diretamente os trabalhadores que dependem do transporte como meio de vida. Com isso torna-se claro que os problemas do povo são diferentes dos problemas do general. Quem viaja de avião a jato e passeia de Galaxie (às custas do povo) nunca vai se preocupar com o preço da gasolina. Igualmente que está habituado a receber banquetes de 6 mil talheres, 3000 quilos de carne, 6000 litros de chopp (também às custas do povo) pouco está se importando com um prato de comida. O povo não se engana mais. Exige melhores condições de vida⁵.

Além da distribuição desses panfletos com o intuito de conscientizar a população dos problemas econômicos e sociais enfrentados pelo país, foram produzidas faixas contra o regime militar, exigindo melhores condições de vida para a população. As faixas estavam preparadas para serem erguidas assim que o presidente chegasse ao Palácio do Governo, na Praça XV de Novembro. A organização do protesto teve iniciativa com Diretório Central dos Estudantes – DCE, da Universidade Federal de Santa Catarina e era de abrangência pública, contudo, apesar de ser acompanhada pelos órgãos de segurança, não consistiu em grande preocupação para o governo.

A movimentação nos arredores da Praça XV de Novembro era bastante grande. O governador mandara dispensar os funcionários públicos para que pudessem homenagear Figueiredo, e havia também um grande número de populares curiosos para ver o presidente, onde junto a eles estavam os estudantes.

Ao chegarem à Praça XV a comitiva foi para a sede do governo, onde o presidente passou em revista a Tropa da Polícia Militar, observou representantes da cultura popular local – como rendeiras e oleiros - apertou a mão de populares, tudo como manda o figurino da ideia gestora da visita. Tudo parecia transcorrer dentro dos conformes, mas:

⁵ Ibidem, p.19,20.



A manifestação programada pelo DCE eclodiu. Os estudantes e alguns populares que a eles se juntaram durante a distribuição de panfletos estavam concentrados num dos cantos da praça, perto da Catedral. “Abaixo a fome”, “Chega de sofrer, o povo quer comer”, “Abaixo a exploração, mais arroz e mais feijão” – as palavras de ordem começaram a ser escutadas no palácio. As faixas, com dizeres idênticos, foram abertas. Imediatamente os alto-falantes instalados nas janelas do Cruz e Sousa começaram a executar o Samba da conciliação, numa tentativa vã de abafar o protesto⁶.

Com a intervenção da comitiva de segurança do presidente e da polícia militar na tentativa de dispersar os manifestantes, o uso da violência fez a multidão tomar o partido dos estudantes, que contando com uma adesão cada vez maior por parte da população, se aproximaram ainda mais do palácio. O clima no interior do palácio tornou-se tenso, a manifestação era esperada, mas eles não contavam com uma adesão popular tão intensa. Quando o presidente fez sua primeira aparição na sacada do Palácio do Governo recebeu uma sonora vaia, que mesmo com a violenta repressão policial repetiu-se ao discurso do governador. Ao término do discurso de Bornhausen, Figueiredo contra a vontade de seus assessores voltou à sacada e tentou sorrir, mas os manifestantes não deram trégua. “Da sacada, o presidente fez um gesto à população: comprimiu o polegar e o indicador, sinal de OK para os americanos, mas que possui sentido obsceno no Brasil⁷.”

Ao ver o gesto do presidente, a população reagiu com violência, gritando palavras de baixo escalão, os que ainda estavam indecisos quanto à manifestação aderiram neste momento. A revolta popular fugiu ao controle dos estudantes, e a violência espalhou-se quando a polícia militar recebeu a ordem de dispersar e os manifestantes cada vez mais gritavam palavras contra o presidente, que ressoavam dentro do palácio. E a reação do presidente foi inesperada, “Agora, deixo de ser Presidente para ser um cidadão comum⁸”. Os seguranças ainda tentaram segurá-lo, mas ele alcançou a calçada e os policiais afastaram os manifestantes.

A próxima etapa da visita foi uma caminhada pelo calçadão da Rua Felipe Schmidt esquina com a Rua Trajano, até o bar e café Senadinho - Ponto Chic, famoso ponto de encontro na capital, onde o presidente simbolicamente tomou um cafezinho e recebeu um certificado de “Amigo do Senadinho”. A caminhada até lá rendeu algumas cotoveladas e empurrões e “nada a mais”. Todavia, a saída de Figueiredo do local foi bastante tumultuada, com uma parcela da população presente voltando aos xingamentos e mais uma sessão de

⁶Ibidem, p.29.

⁷Ibidem, p.33.

⁸ Ibidem,p.35.



pancadaria entre manifestantes e a polícia, com empurrões até no presidente. A equipe de segurança retirou o presidente do tumulto e a comitiva retirou-se sob vaias. A população permaneceu no local e em torno da Praça XV destruindo as faixas de apoio a Figueiredo, e, também na praça foi destruída pelos manifestantes a placa de homenagem a Floriano Peixoto, enviada por Figueiredo dias antes. Durante toda a revolta popular a polícia reprimiu violentamente e em vão os participantes, que permaneceram nas ruas até a metade da tarde.

Apesar do tumulto ocorrido no centro da cidade, o presidente cumpriu todo o itinerário programado para a ocasião e terminou sua visita comparecendo a um churrasco, no município de Palhoça, na Grande Florianópolis, o mesmo criticado no panfleto escrito pelos estudantes. Lá, reafirmou o seu compromisso de iniciar a construção da Sidersul, a siderúrgica tão esperada pelo governo catarinense, que nunca saiu do papel. Em seu pronunciamento no “Churrasco” afirmou que o ocorrido não passou de um protesto de cem estudantes, “não era a voz do povo desta terra que estava falando⁹”. Essa mesma posição tomou o governo de Santa Catarina em Nota Oficial distribuída a imprensa.

A nota foi divulgada no dia 02 de dezembro, dois dias após o episódio, nos principais meios de comunicação de Santa Catarina. Ela é iniciada ressaltando que o itinerário foi cumprido integralmente, significando, portanto, a assinatura de convênios que trariam recursos para o estado, recursos esses que seriam utilizados em infra-estrutura, assistência financeira a cooperativas do estado, regularização de terras, execução do Proinfra – Programa de Infra-Estrutura Agrícola. Todavia, o que mais ganhou destaque foi o atendimento da reivindicação feita pelo governo estadual para a construção da Siderúrgica Sul Catarinense, tecendo grandes elogios ao presidente pelo o compromisso assumido formalmente. No último parágrafo da Nota Oficial, é citado o incidente ocorrido: *um inexpressivo grupo de jovens, usando abusivamente do clima de plena liberdade existente no país, insultou o ilustre presidente*. E esse fato foi imensamente repudiado pela população catarinense, que mandou inúmeras mensagens de apoio ao Palácio Cruz e Souza. Essa população hospitaleira e respeitosa agradecia profundamente o Presidente João Figueiredo, e não estava comprometida com esse pequeno grupo de inconseqüentes¹⁰.

O episódio repercutiu de forma diferente nos diversos jornais catarinenses, enquanto o periódico *O Estado* noticiou os eventos, publicou um grande número de imagens dos conflitos com a participação de populares, deu inúmeros espaços a artigos e entrevistas e cobriu a repercussão do evento, o jornal *Diário Catarinense* mostrou somente o programa cumprido

⁹ Ibidem, p.49.

¹⁰ Nota Oficial, Op. Cit. P.63.



pelo presidente com ênfase nas assinaturas dos convênios, as imagens, somente das cerimônias.

Para analisar a imprensa catarinense do período e compreender a diferença da forma de abordagem de um mesmo evento por dois veículos de comunicação é necessário entender o contexto político. A imprensa estava dividida entre as duas principais oligarquias catarinense que concentravam o poder político: a família Ramos e a família Konder-Bornhausen. O jornal *O Estado* tinha como sócio majoritário o ex-governador Aderbal Ramos da Silva, portanto da família Ramos e opositor ao governador Jorge Bornhausen¹¹, já o *Diário Catarinense* pertencia ao grupo Diário Associados, pró-ditadura. Por isso enquanto *O Estado* traz como manchete: “Incidentes repercutem intensamente no País”, o *Diário Catarinense* escreve: “Sidersul Sairá. O presidente não decepcionou”.

O jornal *O Estado* tratou o ocorrido como uma Revolta Popular, não apenas uma manifestação de um pequeno grupo estudantil como afirmou a Nota Oficial. Em uma entrevista feita com o senador Evelásio Vieira do MDB de Santa Catarina confirma esta postura do jornal:

“A reação popular em Santa Catarina deve ser analisada com atenção procurando o governo extrair suas lições, antes que seja muito tarde”, disse. Todos os porta-vozes do Governo, lembra o senador Evelásio Vieira, frisaram que tinha sido ação isolada de no máximo 30 pessoas. Isto são as informações que recebeu. Não a verdade¹².

Também procurou mostrar que a revolta merecia destaque na imprensa ao fazer uma busca de como o país tratou do ocorrido. Além desta postura do senador Evelásio em Brasília, em Salvador o Arcebispo-Primaz do Brasil D. Evilar Brandão Vilela, achou o fato lamentável em todos os aspectos, foi uma demonstração de falta de popularidade do presidente. Já o governador do Paraná Ney Braga, afirmou que as manifestações foram obra de uma pequena parcela que não representava a população. A mesma posição assumida pelo governo catarinense em Nota Oficial. Em São Paulo, o ex-presidente Jânio Quadros afirmou que o episódio ocorrido em Florianópolis representava o caos que estava mergulhado o país.¹³ Essa postura assumida pelo jornal segundo Geraldo Barbosa (um dos estudantes presos após a manifestação) estava relacionada com o repórter que cobriu a Novembrada, ele era um militante de esquerda, o que acabou proporcionando uma cobertura “favorável, ampla e democrática.

¹¹Sartori, Juliana. A Novembrada nas entrelinhas da imprensa catarinense. *Revista História Catarina*, n.09, Ano II. Leão Baio, Nov./dez. 2008. p.45

¹² *Jornal O Estado*, Florianópolis, 02 de dez. 1979. p3.

¹³ Idem, p. 03



A cobertura dada pelo jornal *Diário Catarinense* ao fato foi apenas um trecho no final da primeira página com o subtítulo “Meia dúzia de baderneiros”. Afirmou-se que o episódio fora altamente negativo para a imagem de Santa Catarina, e narrou-o de outra forma:

Pouco mais de vinte agitadores, já identificados e presos pela Polícia Federal chegaram na véspera a Florianópolis e, com um plano bem elaborado, insuflaram estudantes e a população presente à frente do Palácio Cruz e Souza a vaiar e ofender o Presidente da República. (...) O que os “inocentes úteis” não se aperceberam ontem foi que estavam fazendo o jogo de meia dúzia de baderneiros profissionais o que com vaias e as ofensas ao Presidente da República só serviram aos baderneiros (quanto pior melhor, como sempre) e desserviram a Santa Catarina. (...) Os acontecimentos de ontem foram lamentáveis, muito lamentáveis e Apenas contribuíram para dar ao Brasil uma falsa imagem do que é Santa Catarina¹⁴.

Essa versão dos fatos condiz com a Nota Oficial do governo, explicita que o fato ocorrido não representou o catarinense, pois Santa Catarina possui um povo ordeiro e respeitoso. Tirar o povo do movimento era a forma do governo de não se responsabilizar com as conseqüência dos fatos. A reportagem do *Diário Catarinense* tem outro fator em comum com a Nota do governo, minimizar o movimento popular. Ambas condizem que foi uma minoria que participaram, enquanto a Nota fala de um pequeno grupo de extremados e inconseqüentes, o jornal afirma que foi uma meia dúzia de baderneiros que vieram a Florianópolis com a missão específica de tumultuar o evento, tirando toda a responsabilidade dos estudantes e da população florianopolitana, como se a participação em um movimento como este fosse desprezível e repudiável. Visão totalmente diferente do O Estado, que relata a luta como algo nobre, estavam em defesa de uma pátria livre.

Segundo Juliana Sartori, em um artigo a revista *História Catarina* sobre a imprensa catarinense no episódio da Novembrada, essa forma de querer justificar e explicar a manifestação dar-se por:

(...) três pontos que foram repetidos exaustivamente para justificar a reação da população de Santa Catarina frente ao General João Figueiredo. Primeiro, o ocorrido representou a vontade de uma minoria, especificamente os estudantes, o que não se pode entender como o sentimento de toda a população catarinense frente ao governo. Segundo, o ato demonstrava uma falta de preparo da população para viver num sistema democrático, portanto a ditadura se fazia ainda necessária. E, porfim, a população de Santa Catarina não poderia ser responsabilizada pelo ocorrido, uma vez que foram pessoas de fora do Estado que organizaram e estiveram envolvidas na “Novembrada”, o que demonstrava uma preocupação com a imagem do catarinense¹⁵.

¹⁴ *Jornal Diário Catarinense*, Florianópolis, 01 de dez. 1979. p.01

¹⁵ Sartori, Op. Cit. p46



O episódio do dia 30 de novembro narrada nas páginas iniciais deste artigo foi um acontecimento ímpar no período da ditadura Militar em Santa Catarina. O evento teve muitos desdobramentos e a participação popular foi intensa, mas não é o meu objetivo aqui. Ao analisar a repercussão no ambiente governamental utilizei a Nota Oficial emitida pelo governo do Estado e contrastei com a imprensa escrita do período na finalidade de observar a “veracidade” dos fatos. Entretanto, encontrei uma imprensa comprometida com os interesses políticos, e assim a minha fonte não foi imparcial. É preciso então deixar claro que tanto *O Estado* e o *Diário Catarinense* representavam versões de um mesmo episódio, de acordo com disputas e determinados interesses políticos e relações de poder, não podendo afirmar que ambos são verdadeiros ou falsos, mas que a sua maneira de narrar este fato histórico foi divergente, ficando a cargo do historiador analisar e interpretar essas fontes.

REFERÊNCIAS

SROUR, Robert Henry. *A Política no Brasil dos anos 70: a análise de um evento*. Brasília: UNB, 1981

MIGUEL, Luis Felipe. *Revolta em Florianópolis: a novembrada de 1979*. Florianópolis: Insular, 1995

SARTORI, Juliana. A Novembrada nas entrelinhas da imprensa catarinense. *Revista História Catarina*, n.09, Ano II. Leão Baio, Nov./dez. 2008.

FONTES

Nota Oficial. Jornal *O Estado*. Florianópolis, 02 de dez. 1979. p.63

Jornal Diário Catarinense, Florianópolis, 01 de dez. 1979. p.01

*** Recebido em 13 de maio de 2009. Aceito para publicação em 29 de junho de 2012.**

